

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

**AS BORDAS DO COPO AMASSADO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A
MELANCOLIA E FUNÇÃO DA LUCIDEZ A PARTIR DA ESCRITA DE
GRACILIANO RAMOS**

KARLA PATRICIA HOLANDA MARTINS

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza, Psicanalista, Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, Membro-Coordenadora do Laboratório de Estudos e Intervenções Psicanalíticas na Clínica e no Social, Membro do Grupo de Trabalho da ANPEPP "Processos de Subjetivação, Clínica Ampliada e Sofrimento Psíquico", Coordenadora da Pesquisa Psicogênese e Psicanálise. Pesquisadora Associada do LIPIS. kphm@uol.com.br

Resumo: O presente artigo propõe uma articulação entre os enunciados produzidos pelo discurso melancólico no *setting* analítico e algumas das narrativas literárias que tematizaram o sertão, aproximando modos de construção narrativa e estratégias de organização psíquica. Partiremos da obra do escritor Graciliano Ramos, mais particularmente do texto *Infância*. Alguns trechos do livro serão tomados como ilustrações das estratégias construídas pelo sujeito a um determinado investimento narcísico que, não cumprindo sua função de suavização do real, formalizou uma aliança entre a lucidez (enquanto marca identitária) e a atitude de suspeição com relação à própria linguagem. De forma semelhante ao que havia descrito Freud sobre o discurso melancólico, o cenário que comporta as relações com a alteridade é o de uma guerra. A descrição deste outro que não aceita idealizações são reencontrados alegoricamente nos discursos relativos à pátria e ao sertão.

Palavras-chave: melancolia, Graciliano Ramos, lucidez, narrativa.

**THE EDGES OF THE GLASS WRINKLE: CONSIDERATIONS ON THE MELANCHOLY OF
CLARITY AND FUNCTION FROM GRACILIANO RAMOS WRITINGS**

Abstract: The present article proposes to articulate narratives produced by melancholic discourse in the analytic setting and some of the literary narratives which focus the theme of *sertão* approaching ways of



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

constructing narrative and psychic organization strategies. We will focus the works of Graciliano Ramos, more particularly his books *Infância*. The first one will be taken as an illustration of the response the subject produces facing a narcissistic investment that, not fulfilling his goal of softening the real, formalized an alliance between lucidity (as an identitary mark) and the attitude of suspicious facing language itself. In a similar way to what Freud had said about melancholic discourse, the scenery is of a war. The description of such 'other' that does not accept idealization are found again, alegorically in the discourses related to the homeland and to the *sertão*..

Keywords: melancholy, Graciliano Ramos, lucidity, narratives.

A perspectiva na qual nos inserimos se filia à aproximação freudiana entre melancolia, lucidez e beligerância¹. No final do século XIX, Freud apontava as relações entre a dor psíquica provocada no sujeito pela melancolia e suas conseqüências na produção discursiva e identitária. Em nenhum momento de sua obra optou pelo termo depressão em detrimento do termo melancolia. Percebeu uma diferença importante entre ambas: enquanto a melancolia se ancora numa problemática que coloca em cheque a formação de um eu ideal, a depressão deve seus principais embaraços aos ideais do eu. São pelo menos duas as conseqüências que podemos aferir a partir desta opção nosográfica: 1) o afeto tristeza não garante o diagnóstico da melancolia; 2) a melancolia é uma estratégia de mapeamento das fronteiras entre o eu e o outro que está, portanto, relacionada à questão da identidade e das formalizações da alteridade. Uma tal estratégia é produtora de narrativas que expõem os conflitos, que denunciam imposturas e que quase nunca se aliam às funções de suavização da linguagem.

À semelhança da melancolia, os sentidos da palavra *sertão* convidam a uma reflexão sobre a delimitação do espaço e suas fronteiras: lugar da conquista, da guerra, da

¹ As questões apresentadas neste artigo foram originalmente desenvolvidas na minha tese de doutoramento *Sertão e melancolia: espaços e fronteiras*. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2002.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

diversidade e do vazio; do deslocamento e do entrelaçamento sem horizontes. Se o sertão imaginado pelos primeiros viajantes guardava tesouros, o seu desbravar e a sua ocupação continha os perigos de uma morte anunciada. Deste modo, a invenção do sertão foi, desde a sua fundação, composta pela presença de um conjunto de ambivalentes expectativas. Sobre os textos que deram visibilidade ao imaginário do ‘fundador’, Sérgio Buarque de Holanda² observou que, diante da maravilhosa visão destes primeiros viajantes, produziu-se uma narrativa de encantamento só capaz de se manifestar por intermédio da convenção literária, sem deixar margem para a notação realística.

A partir da segunda metade do século XIX, também por intermédio da literatura, o sertão é tomado como o espaço onde se projetam as imagens formadoras dos mitos de construção de uma identidade nacional³. Neste cenário, personagens são idealizados como ícones de uma nacionalidade brasileira, a exemplo de algumas das obras dos escritores José de Alencar e Euclides da Cunha.

O mito identitário contido no projeto de José de Alencar, se distingue de uma proposta de reedição do paraíso perdido, presente, por exemplo, nas narrativas sebastianistas e dos primeiros viajantes europeus que também tomaram o sertão como cenário.

Contrário ao suposto cânone romântico onde a evasão corresponde ao noturno, o deslocamento de Alencar para o exótico inscreve um mito solar, encenando os signos de um corpo vigoroso e belo, inclinado ao prazer (no caso de *Iracema*, por exemplo) e/ou ao trabalho (em *O Sertanejo*). Seu romantismo abastece de imagens a idéia de nação, ao mesmo tempo que propõe, através da figura de um corpo-vivo, uma visão da carne e dos

² Cf. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e na colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969, p.15.

³ Cf. PINHEIRO, T.; MARTINS, K. P. H. O texto imagético: parnasianismo e a experiência analítica. In: LO BIANCO, A. C. (Org.). *Formações teóricas da clínica*. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2001.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

sentidos. Nas vestes do sertanejo, o mito de Alencar forja a coragem como traço distintivo do homem do sertão, reinventado na relação com a natureza.

Considerando os deslocamentos ocorridos na representação do sertão, seja através da descrição da sua paisagem, seja pela proposição de um novo ‘tipo’ brasileiro (mestiço) na idealização de um projeto nacional, bandeira do projeto parnasianismo de Olavo Bilac, a idealização do homem sertanejo retorna na obra de Euclides da Cunha com outras vestes. Ele propõe, no seu *Diário de uma expedição*:

Depois de nossa vitória, inevitável e próxima, resta-nos o dever de incorporar à civilização estes rudes patrícios que - digamos com segurança - constituem o cerne da nossa nacionalidade [...]. Sejam justos – há alguma coisa de grande e solene nessa coragem estóica e incoercível, no heoísmo soberano e forte dos nossos rudes patrícios transviados e cada vez mais acredito que a mais bela vitória, a conquista real consistirá no incorporá-los, amanhã, em breve, definitivamente, à nossa existência política (CUNHA, 2000, p. 140).

A compleição do sertanejo e alguns de seus atributos oferecem elementos a favor da tese da construção da nacionalidade. Na assertiva “o sertanejo é antes de tudo um forte” o corpo é instrumento de luta e coragem, mas a sensualidade (traço alencarino) declina em nome do emblema da fé.

O espaço sertão é deslocado do epicurismo presente nas descrições dos primeiros viajantes europeus e, de certa forma, no discurso alencarino, para uma espécie de espaço agonizante onde habitam homens estóicos. Encontraremos a descrição de uma



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

natureza outonal e a proposição do sertanejo como um ‘forte’, produzindo uma narrativa alternadamente de tristeza e de exaltação: um homem titânico frente à terra ignota.

No exotismo encantado dos primeiros viajantes, o tema da natureza também estava presente. Todavia, a admiração de Euclides pela natureza não é pacífica. A afirmação de uma natureza vazia e, ao mesmo tempo, plena de excessos propõe o sertão enquanto espaço-cenário de oposições e conflitos. Mesmo que a terra não se incompatibilize com a vida, é assim descrita:

Não atraem. Panteiam sempre o mesmo cenário de uma monotonia acabrunhada, com a variante única da cor: um oceano imóvel, sem vagas e sem praias. Barbaramente estéreis; maravilhosamente exuberante... Na plenitude das secas são positivamente o deserto. Mas quando estas não se prolongam ao ponto de originarem penosíssimos êxodos, o homem luta como as árvores, com as reservas armazenadas nos dias de abundância e, neste combate feroz, anônimo, terrivelmente obscuro, afogado na solidão das chapadas, a natureza não o abandona de todo. A natureza compraz-se num jogo de antíteses (CUNHA, *op. cit.*, p. 47-48).

O sertão é, ao mesmo tempo, inferno dantesco e paraíso. O retrato da caatinga monumental - seca, morta ou bela - se contrapõe aos movimentos da fauna sertaneja. O vivo, o que se movimenta vertiginosamente nesta obra, é a força do animal e do homem, através de seus deslocamentos. Mas é também pela linguagem que o retrato de uma natureza morta ganha movimento.

Euclides cataloga as mais diferentes espécies da caatinga, um texto



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

que, ao descrever o cenário, legenda e, ao mesmo tempo, antecipa a escrita sobre “O homem”. O ‘eu’, eclipsado na descrição sem pudores, se expressa na ornamentação literária: “os juazeiros tem caráter, possuem um traço superior à passividade da evolução vegetativa, superior ao depauperamento geral da vida”, diz Euclides. E continua: “enquanto por toda a banda a flora se deprime, os mandacarus aprumam-se tesos, triunfalmente, mas no fim de algum tempo, porém, são de uma obsessão acabrunhadora ... gravam em tudo uma monotonia inatural” (CUNHA, *op. cit.*, p. 41-42).

Descrevendo o umbuzeiro conclui: “Dominam a flora sertaneja nos tempos felizes, como cereus melancólicos nos paroxismos estivais. [...] São a nota mais feliz do cenário deslumbrante. [...] E o sertão é um paraíso...” (*Ibidem*, p. 44-45).

Pensando lado a lado construção identitária e construção narrativa, posto que ambas portam a imaginarização dos lugares do Outro e suas representações, passaremos agora a um segundo momento deste trabalho onde aproximaremos os traços que caracterizam as propostas identitárias acima e as estratégias de organização e sobrevivência psíquica. A literatura que toma o sertão como cenário ilustra duas destas estratégias: uma que se faz em torno da possibilidade de antecipação - lugar da interpretação e do mito - e outra em que a interpretação cede lugar à descrição. À primeira estratégia denominamos de uma resposta ao incógnito, uma alusão à expressão cunhada pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda ainda em sua *Visão do Paraíso*. Esta resposta se caracteriza pela construção do mito, enquanto solução imaginária de pacificação de tensões que não puderam ser equacionadas. Nesta tradição incluímos a resposta exótica produzida nos



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

textos dos primeiros viajantes europeus, a figura do sebastianismo e o resgate da proposta de um mito fundador ilustrado em alguns dos textos de José de Alencar.

Na segunda estratégia, aqui denominada, resposta ao ignoto, a construção da tese da nacionalidade estará ancorada diferentemente em outros dois pontos, quais sejam: a metamorfose do corpo-vivo em emblema (representada pelas propostas parnasiana e de Euclides da Cunha) e a denúncia da impostura identitária (representada nas narrativas de Graciliano Ramos). A estratégia melancólica mostra-se mais próxima desta última, pelo uso que faz da linguagem e mais distante da construção mítica. Todavia, ambos os conjuntos de narrativas possuem também linhas de continuidade.

Na resposta ao ignoto não prevalece uma identificação com o mito, mas sim com a lucidez ela mesma, enquanto emblema da denúncia da impostura identitária. Se a invenção do mito participa de um momento onde o eu pode lançar mão do estranhamento, enquanto mediador simbólico (SOUZA, 1994, p. 116), a resposta ao ignoto produzirá um texto que, por vezes, se aproxima das narrativas de guerra, ilustrada, por exemplo, pelo texto sobre a campanha de Canudos. O corpo na guerra é titânico, resistente; o mundo é retrato, cópia. A austeridade, ao declinar da sensualidade, segue apagando o corpo erógeno⁴.

Afirma-se que o padecimento melancólico deve-se à perda da aura de ilusão que cerca os objetos. O outro teria desertado de seu posto antes que a criança pudesse constituir o engano (LAMBOTE, 1998, p. 433). Os sentidos da palavra desertar - “abandonar, deixar, renunciar, retirar-se, ausentar-se” (FERREIRA, 1999, p. 650) -, palavra cuja etimologia é a mesma de deserto, colocam em primeiro plano a imagem do abandono instituída na ausência de investimento narcísico dos pais. Frente à impossibilidade do engano, a criança formula uma estratégia de ação que corresponde ora à delimitação de

⁴ Cf. PINHEIRO, T.; MARTINS, K. P. H. O texto imagético: parnasianismo e a experiência analítica. In: LO BIANCO, A. C. (Org.). *Formações teóricas da clínica*. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2001.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

suas fronteiras ora ao estabelecimento da dor enquanto marca identitária. Na deserção, a dor passa de adereço à emblema, produzindo, por exemplo, um certo encouraçamento da imagem corporal. Um tal encouraçamento possui correspondente na rígida métrica a que a linguagem deve se submeter. Sem recursos para lançar mão da parcialidade, a rígida moralidade se apresenta como estratégia para assegurar a permanência do saber totalitário.

Os efeitos produzidos na relação do sujeito com a linguagem estão diretamente relacionados ao sentido atribuído a um tipo de movimentação que fora interpretada como abandono. Por abandono entendemos uma descontinuidade no ir e vir da força auxiliar que não estabelece o ritmo instaurador das fronteiras eu-outro e do sentimento de si, num momento desta organização onde prevalecem a intimidade absoluta e a reversibilidade. Nesta direção a tese freudiana a respeito do estranho, resposta ao insuportável da intimidade, pode ser lida também como uma elaboração sobre a demarcação dessas fronteiras eu-outro. Entretanto, o estranhamento é uma resposta relativa ao momento em que o eu já pôde se distinguir como imagem. Antes disso o sujeito será refém da univocidade. O discurso bélico e lúcido que os pacientes melancólicos proferem tem por objetivo promover a apropriação de uma imagem que vacila permanentemente. Neste contexto, a linguagem terá, para o sujeito, o valor do percebido e a percepção não terá valor de interpretação, mas peso de realidade. Deste modo, se os contornos do corpo não foram definidos ou correm o risco permanente de serem ultrapassados, modula-se um tipo de narrativa em que a interpretação, na perspectiva mítica, cederá lugar à descrição, com pouco ou quase nenhum lugar para as fábulas da memória. A métrica do espaço corresponderá à métrica da linguagem e do corpo, estratégia que segue, nas palavras de Marie-Claude Lambote, uma “lógica da encenação”, voltada “não mais para o rapto de um reflexo enigmático, mas para a composição dos elementos da realidade” (LAMBOTE, 2001, p. 97). Um tal “regime representativo” (SCHØLLHAMMER, 2001) recoloca em



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

cena as relações entre imagem e texto, reconduzindo o valor da visão a um plano privilegiado em relação aos outros sentidos, estratégia que configura um esforço em identificar o visível empírico com o visível conceitual, o visível com o verdadeiro (*Ibidem*, p. 35).

Encontraremos na obra do escritor Graciliano Ramos, principalmente na sua obstinada tarefa de desconstruir o mito-nação/pátria, tanto a representação da impostura identitária de um Outro desertor, quanto a ilustração de um outro traço que caracteriza este tipo narrativa: a lucidez configurando uma lógica que não deixa margem à ambigüidade. A desconfiança produzindo a depuração e o corte que se expressam na sua rigidez sintáxica. Prevalece aqui uma identificação não com o mito, mas sim com a lucidez ela mesma. Assistimos à desconstrução de uma narrativa mítica ou épica, onde a descrição tem por propósito a denuncia e não a idealização. A vida em Graciliano é seca e sem ornamentos e “A pátria é um orangotango. [...] Imitações, adaptações, reproduções, macaqueações”⁵ (ALVES, 2000; RAMOS, 1980, p. 60).

Se anteriormente tínhamos a tese da nacionalidade centrada na romantização da mistura das raças brasileiras e na figura de um sertanejo forte, no realismo crítico de Graciliano a pátria é um macaco e “a nação é um cinematógrafo, na essência, exibição de figuras. Coisas de ver, de mostrar, exposição de objetos bonitos [...] estopa pintada de preto a fingir casimira” (RAMOS citado por ALVES, *op. cit.*, p. 51). O que veremos a seguir é uma narrativa de denúncia, com vistas a revelar a impostura do elogio, do enfeite, todos sinônimos da ‘grande mentira’, ora identificada à retórica vazia dos intelectuais ora a um projeto de Brasil dito moderno, onde as diferenças e conflitos estariam suavizados e representados, por exemplo, no cadinho das três raças.

⁵ A frase principal é também o título de um precioso artigo do historiador sergipano Francisco José Alves, publicado na *Revista Síntese*. O trabalho em questão faz um inventário minucioso da representação do Brasil nas crônicas de Graciliano. No que tange a esta temática, nosso trabalho o tomou por guia.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Concordamos com o elogio do historiador Francisco Alves quanto à imagem utilizada pelo crítico de literatura Franklin Oliveira para qualificar a obra de Graciliano: trata-se de uma radiografia. O projeto literário do escritor não poupou seus leitores das feridas, das fissuras, de fotografar o osso e não o recheio: contra a ignorância, a palavra exata. Sua obra ficcionalizará o projeto de revelar a nudez do rei. Um permanente desconforto com as vestes (e com a linguagem) está presente, por exemplo, em *Vidas Secas* (RAMOS, 1974, p. 111) e em *Terra dos meninos pelados*.

O tema de uma roupa inadequada ou que não veste o bastante serve de mote para o elogio do jogo de palavras. Mais tarde, em *Infância*, irá confessar os efeitos devastadores de uma palavra que não deixa margem para ambigüidades: “é a brutalidade da linguagem que degrada os objetos do cotidiano” (BOSI, *op. cit.*, p. 455). No conto “Uma bebedeira” fala de si em roupa curta e chinfrim, e emenda: “murchava diante de pessoas desconhecidas. Com certeza já havia me habituado a julgar-me um ente mesquinho” (RAMOS, 1986, p. 37). O que faz marcas inelutáveis é a rude franqueza, ao impossibilitar uma mínima dissimulação.

Vejamos o trecho do “Um intervalo”:

Essas moças tinham o vezo de afirmar o contrário do que desejavam. Notei a singularidade quando principiaram a elogiar o meu paletó cor de macaco. Examinavam-no sérias, achavam os panos e os aviltamentos de qualidade superior, o feitio admirável. Envaideci-me: nunca havia reparado em tais vantagens. *Mas os gabos se prolongaram, trouxeram-me desconfiança*. Percebi afinal que elas zombavam, e não me susceptibilizei. Longe disso: julguei curiosa aquela maneira de falar pelo avesso, diferente daquelas grosserias a que me habituara. Em geral me diziam com franqueza que a roupa não me assentava no corpo, sobrava nos sovacos. Os



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

defeitos eram evidentes, e eu considerava estupidez virem indicá-los. Dissimulavam-se agora num jogo de palavras que encerrava malícia e bondade. E essa mistura de sentimentos incompatíveis assombrava-me - e pela primeira vez ri de mim mesmo. *A doçura picante não me reformava, é claro, mas exhibia-me* como eu poderia ter sido se a natureza e o alfaiate me houvessem dado os recursos indispensáveis. Satisfazia-me a idéia de que a minha figura não provocava irritação ou desdém, e as novas amigas surgiram-me compreensivas e caridosas. Guardei a lição, conservei longos anos este paletó. Conformado, avaliei o forro, as dobras e os pespontos das minhas ações cor de macaco. Paciência, tinham de ser assim. Ainda hoje, se fingem tolerar-me um romance, observo-lhe cuidadoso as mangas, as costuras, e vejo-o como ele é realmente: chinfrim e cor de macaco (*Ibidem*, p. 197-198, grifos meus).

É ainda no livro *Infância*, onde aparecem os retalhos de uma meninice nada idílica, que encontramos também uma outra ilustração da resposta do sujeito a um determinado investimento narcísico que, não cumprindo sua função de suavização do real, formalizou uma atitude de suspeição com relação à própria linguagem aliada a uma lucidez solar. Sobre sua mãe Graciliano Ramos sentencia:

O que nessa figura me espantava era a falta de sorriso. Não ia além daquilo: duas pregas que se fixava numa careta, os beiços quase inexistentes, repuxando-se, semelhantes às bordas de um caneco amassado. Assim permanecia, contendo bocejos indiscretos. Miúda e feia, devia inquietar-se, desconfiar das amabilidades, reacear



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

mistificações. Quando cresci e tentei agradá-la, recebeu-me suspeitosa e hostil; se me acontecia concordar com ela, mudava de opinião e largava muxoxos desesperadores (RAMOS, 1986, p. 40-41).

O traço da desconfiança, a recusa da mistificação reencontraremos alegoricamente nos discursos sobre a pátria e o sertão. Em sua obra, o sertão jamais representou a idéia de um paraíso perdido, antes idealizado. Jamais estaremos diante de uma descrição do supérfluo; ao contrário, toda palavra tem um lugar bem preciso: “tijolo por tijolo num desenho lógico”, conforme a imagem trazida pela canção de Chico Buarque. Deste modo, mesmo a descrição da paisagem obedece ao ritmo dos personagens daquela narrativa, a uma lógica que parece definida previamente.

Ao contrário do que ocorre na literatura que tomou o sertão nordestino como tema na segunda metade do século XIX, Graciliano irá focar um sertão sem rios, sem os adereços de uma natureza que, quando não era exuberante exibia um homem corajoso, titânico. Longe do epicurismo dos viajantes ou de um certo estoicismo euclidiano e, por vezes, alencarino, o escritor alagoano forjará uma visão da precariedade tanto do homem quanto da natureza. Nesta direção, a obra de Graciliano vai fazer parte de uma vertente da literatura brasileira que problematiza a questão da identidade nacional (BERND citado por ALVES, *op. cit.*, p. 49; LUCIA HELENA, 2001), ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, ajuda a fixar na imagem do sertão nordestino o traço da precariedade. O realismo desencantado e corrosivo de Graciliano privilegiará o brutal, seja o da natureza seja o dos homens numa negatividade que irá redesenhar tanto a idéia de nação como a do homem nordestino. Pensemos o sertão e o ideário de pátria e nação enquanto alegorias de alteridades.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontramos também na clínica com pacientes melancólicos os traços de lucidez e beligerância que caracterizam um tipo de texto que persegue a clareza e tenta apagar da linguagem todos os vestígios de ambigüidade. Por suas características de descrição e pelo esforço em fornecer imagens que capturavam o analista em uma cena sem movimento, a psicanalista Teresa Pinheiro denominou o texto destes pacientes como “texto imagético”⁶. Ergue-se na melancolia o projeto de lucidez permanente, configurando uma lógica que não deixa margem à ambigüidade e coloca em xeque, por exemplo, o uso da função metafórica da linguagem.

O cenário é, de certa forma, o de uma guerra. Freud já havia descrito que o clima de acusação era disfarçado, no caso da melancolia, por uma ‘declaração de derrota’⁷. As ‘estratégias de suavização’, impossibilitadas de serem acionadas, são substituídas por ‘estratégias de exposição’, onde se pretende fazer verdade com a linguagem, sem suspiros poéticos e saudades. Deste modo, a contribuição freudiana acerca do tema da melancolia se inscreve numa perspectiva que rompe com a superposição entre a melancolia e o afeto-tristeza. Seu equivalente psicológico não é o luto. Sua força não deriva necessariamente de uma perda real nem da desilusão, nos moldes da desmontagem da conformação fantasmática do desejo. A força de sua insistência nasce do excesso de lucidez; uma lucidez relativa à incidência dos múltiplos sentidos da precariedade sobre todo ser vivo.

Todavia, o que nos lembra o trabalho de Pontalis () é que a dor só pode ter nome na condição de que exista um fiador para o narcisismo. Em outras palavras, a problemática da melancolia nos conduz a pensar nas delimitações das fronteiras eu-outro como reação ao perigo frente a possibilidade de desvanecimento da imago do próprio corpo. Se, como propõe Winnicott (1975), a imago do próprio corpo da criança se revestirá,

⁶ PINHEIRO, M. T. S. Trauma e melancolia. *Revista Percurso*, n. 10-1, p. 50-55, 1993.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

do aspecto do rosto da mãe, ou, mais exatamente, da tonalidade afetiva que habitava o olhar materno é necessário um para além das bordas de um co(r)po amassado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, J. *O sertanejo*. São Paulo: Editora Rideel, 1997.
- ALVES, F. J. A pátria é um orangotango. *Revista Síntese*, Brasília, 2000.
- ARISTÓTELES. Problema XXX,1. In: ALMEIDA, C. P.; MOURA, J. M. (Org.). *A dor de existir e suas formas clínicas: tristeza, depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Kalimeros, 1997, p.23-35.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- BOSI, A. Sobre *Vidas Secas*. In: SCHWARTZ, R. (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.149-153.
- CANDIDO, A. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- CUNHA, E. *Diário de uma expedição (1897)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CUNHA, E. *Os Sertões: Campanha de Canudos (1901)*. São Paulo: Ed. Círculo do Livro, 1989.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio Século XXI*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREUD, S. Luto e melancolia. Tradução de Marilene Carone. *Revista Novos Estudos - CEBRAP*, n. 32, p.128-142, Mar. 1992. Original em alemão.
- FREUD, S. *Obras completas Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996.
- LAMBOTTE, M-C. *O discurso melancólico: da fenomenologia à psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.
- LUCIA HELENA. Coração grosso: migração das almas e dos sentidos. *Alceu: Revista de Comunicação, Cultura e Política*, v. 1, n. 2, p.63-76, Jan./Jun. 2001.
- MARTINS, K. P. H. *Sertão e melancolia: espaços e fronteiras*. Orientador: *Maria Teresa da Silveira Pinheiro, 2002*. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- PINHEIRO, M. T. S. Algumas considerações sobre o narcisismo, as instâncias ideais e a melancolia. *Cadernos de psicanálise*, v. 12, n. 15, p.20-28, 1995.
- PINHEIRO, M. T. S. Trauma e melancolia. *Revista Percurso*, n. 10-1, p. 50-55, 1993.

⁷ Cf. FREUD, S. Luto e melancolia. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (1915[1917]) e Rascunhos.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

- PINHEIRO, T. S.; JORDÃO, A.; MARTINS, K. P. H. A certeza de si e o ato de perdoar. *Cadernos de psicanálise*, v. 15, p.160-175, 1998.
- PINHEIRO, T.; MARTINS, K. P. H. O texto imagético: parnasianismo e a experiência analítica. In: LO BIANCO, A. C. (Org.). *Formações teóricas da clínica*. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2001.
- RAMOS, G. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- RAMOS, G. *Linhas Tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1980a.
- RAMOS, G. *Vivente das Alagoas*. Rio de Janeiro: Record, 1980b.
- RAMOS, G. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- ROUANET, S. P. O mito do bom selvagem. In: NOVAES, A. (Org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 415-437.
- SCHØLLHAMMER, K. E. Regimes representativos da modernidade. *Alceu: Revista de Comunicação, Cultura e Política*, v. 1, n. 2, p.28-41, Jan./Jun. 2001.
- SOUZA, O. *Fantasia de Brasil: as identificações na busca da identidade nacional*. São Paulo: Escuta, 1994.
- WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido: 17/12/2010

Aceito: 22/12/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br